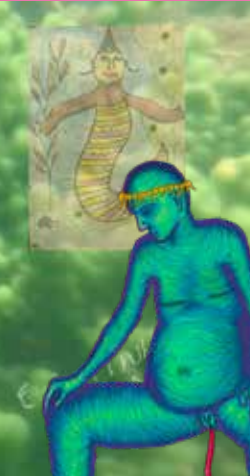


MEMÓRIA
TRANS
MASCULINA

RASTROS
DE
PERMANÊNCIA



FICHA TÉCNICA

PRODUÇÃO GERAL

Lui Foito

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Abeju

ARTISTAS EXPOSITORES

Alian Minerva

Caeu

Ferrerin

Izzi Vitório

Lohr Carolino

Lui Foito

Lure Furna

Maryn Marynho

DIAGRAMAÇÃO E IDENTIDADE VISUAL

Maryn Marynho

PREFÁCIO

Joaquim M Ferreira

TEXTO TRANSTCHOLAGI

Nico da Costa

CONSULTORIA DE ACESSIBILIDADE

Coletivo Kintal de Afetos

BIBLIOTECÁRIA

Karoline Gomes

a revista

SURGIU DA VONTADE
DE NOS VERMOS
EM PUBLICAÇÕES,
PAPEL IMPRESSO,
DAQUELES QUE RODAM
POR MÃOS QUE FOLHEIAM
COM VONTADE
DE LER
HISTÓRIAS.

A obra reúne o trabalho de 08 artistas transmasculines e não-binários, residentes do Ceará, que experienciavam suas produções artísticas em diversas linguagens, tais como, desenho, pintura, audiovisual, produções sonoras, fotografia e poesia.

Temos o prazer de ter uma anúncio e costura das pesquisas de todos através do olhar e escrita sensível de Joaquim M Ferreira, com o texto introdutório *Construir Memórias, Destruir Memoriais*.

No início da sessão de cada artista, temos um texto redigido por eles sobre os rastros do seu processo criativo, por onde caminham suas pesquisas, erupções jogadas ao mundo e investigações transmutativas.

08

CONSTRUIR MEMÓRIAS,
DESTRUIR MEMORIAIS

ARTISTAS

ALIAN MINERVA	10
CAEU	16
FERRERIN	22
IZZI VITÓRIO	30
LOHR	38
LUI FOITO	42
LURE FURNA	48
MARYNHO	56

60 ACESSIBILIDADE

62 AGRADECIMENTOS

64 TRANSTCHOLAGI

sumário

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Karoline Gomes (CRB 3/1699)

M533

Memória Transmasculina : Rastros de Permanência
/ Organizador : Lui Foito. – 1. ed. – Fortaleza: Edição
independente, 2025.

Recurso digital : il. color. ; 180000KB.

Formato: PDF

Requisito do sistema: Adobe Digital Editions
ISBN 978-65-01-23961-3

1. Produções artísticas. 2. Arte e vivências LGBT-
QIAPN+. 3. Transmasculinidade. 4. Identidades não-bi-
nárias. 5. Autoconhecimento e resistência I. Foito, Lui.

CDU 7.067
CDD 306.76

CONSTRUIR MEMÓRIAS, DESTRUIR MEMORIAIS.

transmasculinidades

s.f - (trans.mas.cu.li.ni.da.des)

1. termo guarda-chuva que abrange as identidades transgêneras de espectro da expressão de masculinidade;
2. termo que agrega pessoas que rompem com a designação dada ao nascer.
3. termo que refere-se à pessoas que rompem com a cisgeneridade e expressam sua "masculinidade" sem seguir os padrões cisgêneros.

* outras denominações: *homem-trans; boyceta; transmasculine; não-binária.*

Peço licença, àgò, ao senhor da comunicação para me colocar em primeira pessoa, deixar que esse texto me acerte como uma flecha que transpassa memórias que são coletivas.

Há quem diga que antes de tudo há um corpo e a anunciação aqui feita é de que antes de tudo, há a natureza como ancestral. Há a poderosa magia das transmutações, o reconhecimento individual e coletivo de que fazemos parte de uma espécie.

Neste percurso, a mutação está intrínseca a [trans]existência, impregnada no ser, impregnada nas vias sanguíneas, nas veias que movem o coração, presentes nas células como código do que somos. Células que carregam memórias e vidas coletivas, em um pulsar contínuo de coexistência com o som, com a luz, com o pó, com o ar, a constituição da matéria milenar que constituímos.

Ousar buscar memórias, ou reviver memórias, é parte de um acordo consigo mesmo, é buscar em si e em pares aquilo que assenta os pés no chão, fincados na terra, em nossos territórios. O corpo. O território em que germina e que brota sementes de perpetuação. Aqui, há ecossistemas crescentes, em germinação ou brotos de parte do que cada ume semeia,

ecossistemas que se erguem de úteros, que se alimentam nos peitos, que se alimentam daquilo que vem da terra de territórios infindos. A criança que se alimenta é aquela por hora esquecida ou abafada, criança interior revivida no interior e no mundo que se constroi a cada instante. Para além de si, há crianças sendo germinadas e alimentadas da seiva das memórias, do ventre, do som, do fruto.

É preciso uma aldeia toda para educar uma criança, e para revivê-las, quantas precisamos? Quantas aldeias ou mundos precisamos ter para fabular um outro amanhã? Quantas aldeias ou centelhas de memórias precisamos para reviver nossa memória criança-ancestral?

Memórias cultivadas como fábulas de um passado-amanhã acedem fogueiras que varam as noites aquecendo aquilo que impera em nosso ser. Fabular um passado-amanhã, reacender as memórias como chamas que queimam a nós mesmos e que queimam desmemórias é parte do acordo ancestral da transmutação e da desobediência a uma colônia que querem fazer de nossos seres e corpos.

joca m. ferreira



alian minerva

Alian Minerva, 26, artista transmasculino. Tem como foco de pesquisa, a reelaboração da memória por meio de materiais de arquivo pessoal, entrelaçados a elementos da natureza, sendo a fotografia o principal dispositivo comunicador. Formado em Cinema e Audiovisual, realizou diversos curtas-metragens de ficção e documentário como diretor de fotografia. Hoje, trabalha principalmente nas funções de logger, e assistente de câmera e montagem, em projetos de produtoras cearenses.

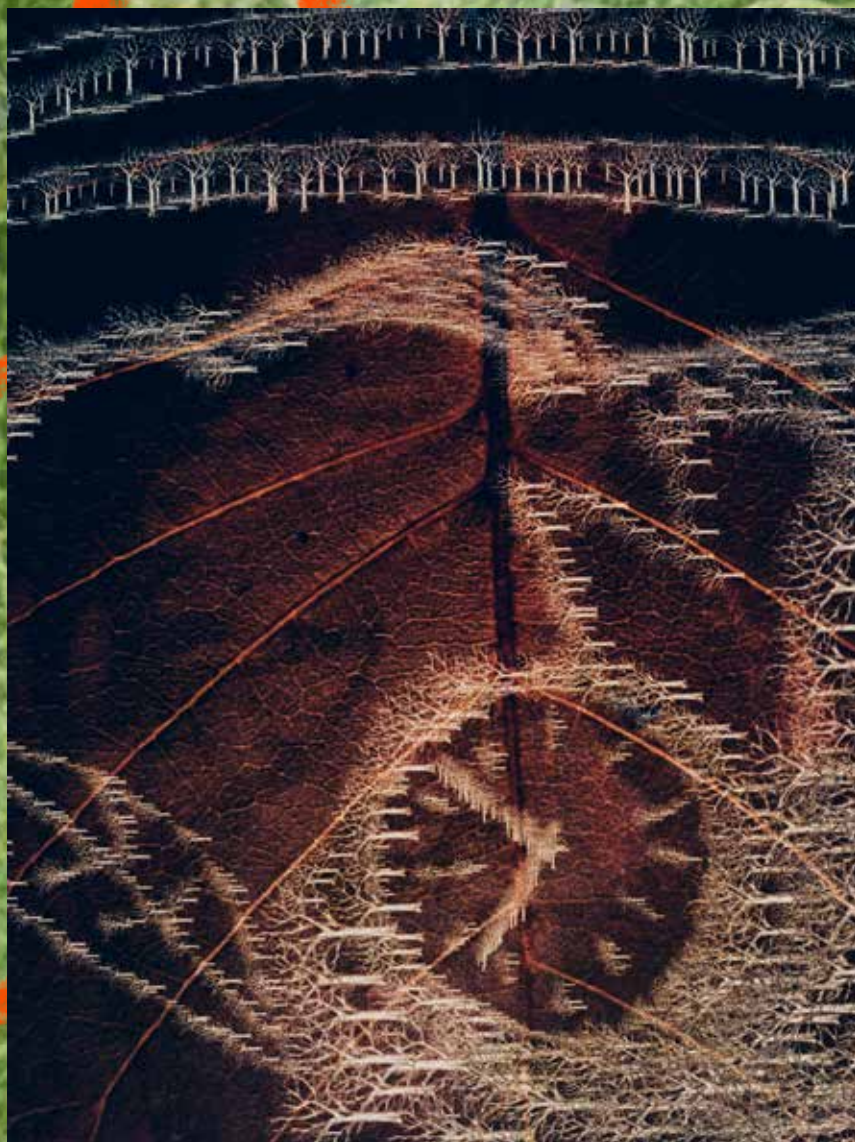
@alianminerva

Existe um conceito chamado Palácio da Memória. Nele, as pessoas memorizam informações, através de associações com objetos, dentro de um espaço imaginário. Ao pensar na possibilidade do esquecimento - da diluição natural da memória, de estar alheio às lembranças do lugar de onde venho, das pessoas que construíram minha base -, tenho trabalhado em erguer e registrar meu próprio Palácio, com elementos que fazem parte de mim, que estão impressos dentro.

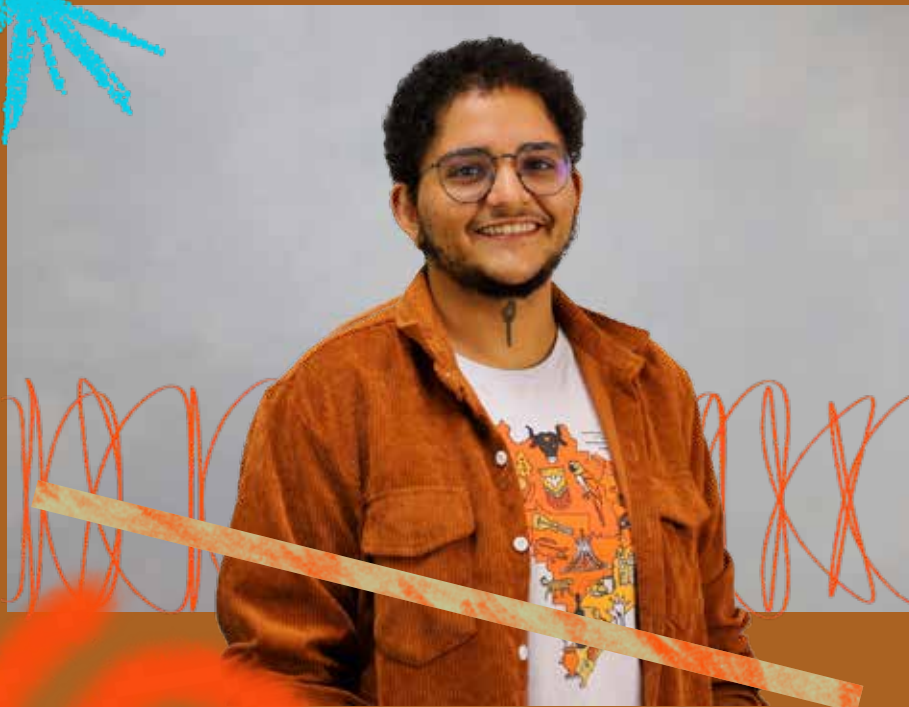
Trago do imaginário para a fitotipia, seguido de fotografia e desenho. A partir de um material de arquivo pessoal, do olhar do outro sobre mim, retomo essas imagens num processo de rememoração. Considero esse movimento como parte intrínseca ao processo de autoco-nhecimento, como existência que precisou fazer um caminho menos comum em relação ao todo, de olhar para si e se colocar no mundo pelas próprias mãos. A minha transmutação é como o meu processo de produzir arte, a retomada de consciência do Ser, a gestação do Eu.

MIYANOS
PTOMEIFRAS
PHISGENE





caeu



Artista transviadando no Cariri Cearense, explorando linguagens, campos e mídias, habitando as performances, exposições, explorações, pinturas, fotografias e as entranhas do cariri. Comunicador formado em Jornalismo buscando atuações diversas nos campos da imagem, do texto, das mídias sociais, do design gráfico e das comunicações sociais. Pesquisador de imagem, semiótica e culturas africanas.

@caue_henri

Acho que sempre fui adepto da imagem porque ela é um enorme borrão em si mesma. Ao mesmo tempo em que está ali, supostamente parada, ela nunca está verdadeiramente imóvel. A imagem passa pelo tempo, espaço, pelas frestas e vazões, se adaptando, reajustando, reformulando e resignificando o tempo inteiro. Assim como a memória, creio.

Quando me vejo diante de meu corpo, hoje centro da maioria das minhas investigações criativas, me pego encarando um mar de histórias que nem sempre são só minhas, mas sempre me compõem. Olhar para meu corpo chegou como uma janela para os tantos corpos que se encaixam no meu, sem nunca tornarem-se ele.

Em um movimento de buscar a minha própria permanência no tempo, passei a buscar em mim o mundo que me transborda. Das mãos que batem palma de macumba, aos pés que correm capoeira, entre meus peitos caídos e minha buceta crescida de testosterona, traçar as telas de meu corpo é meu movimento para lembrar de nós.

Não sei não mudar. Nunca quis ficar parado muito tempo e acho que isso é evidente em tudo que faço. Não consigo usar uma só mídia, uma só linguagem, uma só tela.

Acho que só faço arte quando me mato e permito-me nascer de novo. Reinventar, refazer, recriar, antes de tudo, a mim. Eu nunca serei o mesmo que era e não quero obrigar minha arte a ser.



MENINA
 MACHO
 MACHO
 MENINA

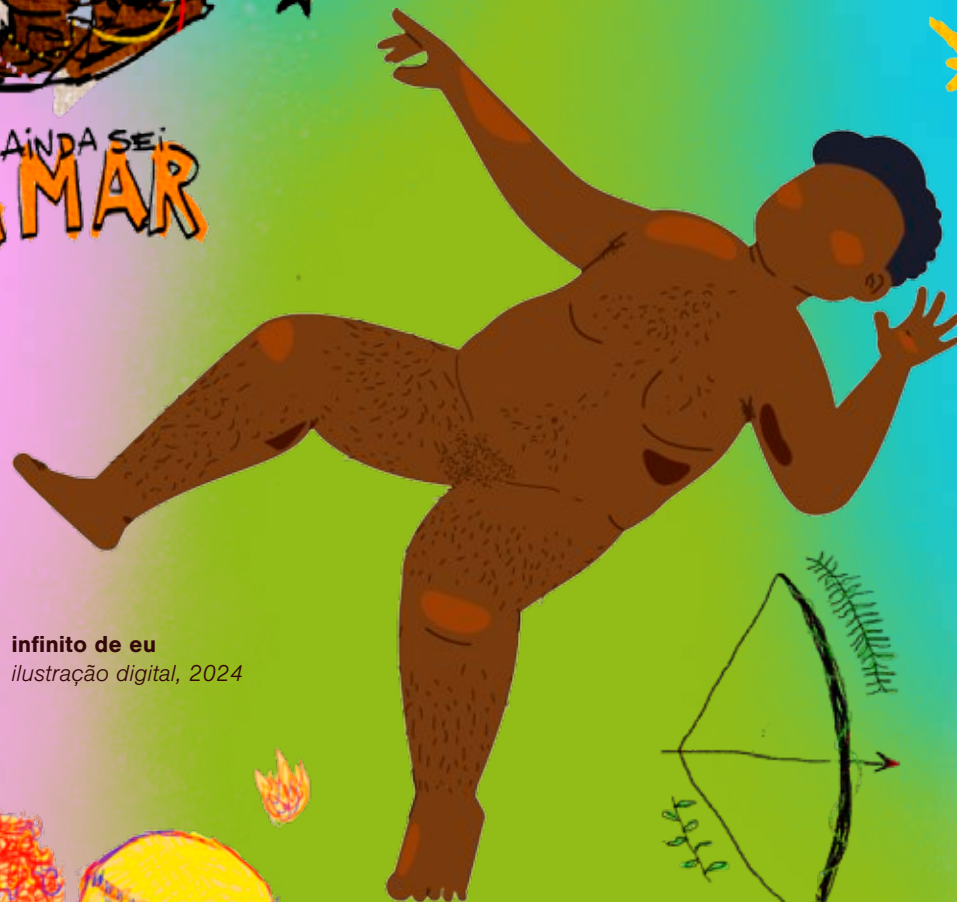


mural menina macho
 intervenções em fotografias de família, 2020

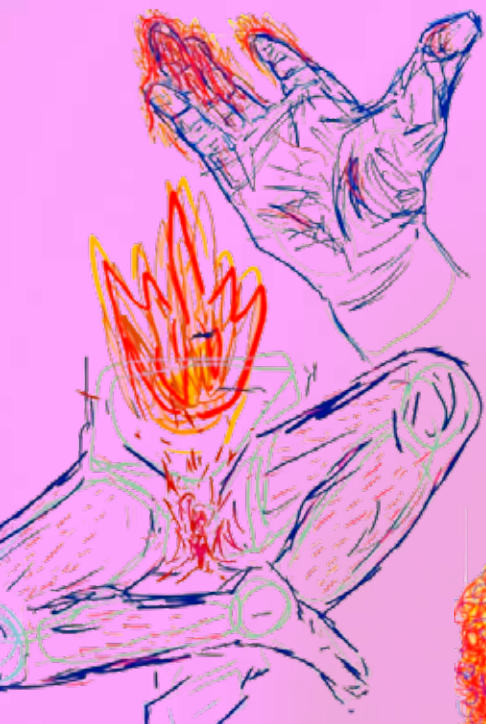
ainda sei amar
ilustração digital, 2024



ori
ilustração digital, 2024



infinito de eu
ilustração digital, 2024



transa
ilustração digital, 2019



FILMS DO ~~EXU~~



odéssy
ilustração digital, 2024



todo exu
ilustração digital, 2024



ferrerin



Ferrerin nasceu em 1996 em Brejo Santo (CE). Sua produção articula fotografias, vídeos, colagens e instalações, propondo registros e ficções a respeito de vivências afetivas transmasculines e não binárias, a vida cotidiana e a dimensão cultural do Cariri cearense. Permeada por uma pluralidade de referências, sua obra oferece narrativas não lineares, costurando imaginários "transnordestines" com visualidades impactantes, experiências sensíveis com elementos populares.

@peluzoi

Enquanto corpo em migração territorial as obras que comunico permeiam sobre imaginários regados por memórias karirienses e sertanejas, com fortificações das águas que tomam as estradas onde caminha saberes cotidianos e da natureza, que formulam a base para as criações que depois se desaguam como pesquisas.

Assim, os processos caminham por materializações que acontecem como fotografias, filmes, instalações, colagens, lambe lambe, festividades culturais e artísticas, pois acreditar na expansão da arte para além das delimitações mercadológicas possibilita a permanência de memórias, saberes e partilhas que são importantes para nossos modos enquanto nordestines e trans.

Tornar vida as criações como sentimentos é ofertar ao tempo e memórias caminhos que gostaríamos de trilhar, assim, dialogo com metodologias que se encontram presentes nas nossas vidas, como os saberes do dia a dia, espiritualidade, natureza, pensamentos e fazeres de artistas que acreditam na organicidade da vida e arte.

Acho que essa escrita de apresentação do filme que to vivendo "Amor de Vaqueiro" define bem como sinto a transmutação: "Ainda, através dessa narrativa desejo ressaltar a importância das paisagens do sertão e da natureza como uma representação da movimentação orgânica e sempre mutável desses lugares e dos corpos em transição."

Assim, vivo transição mais com os sentimentos e vontade, para além da racionalização e nomeação, sinto a importância das negociações sociais que devem ser feitas, mas não limito algo tão expansivo a tais delimitações. Com isso, acontece de forma orgânica como natureza que acredito sermos, para que a vida e criações se realizem como bem viver e fartura.



Chapada do Araripe, Mutamba, CE.

TRANSNORDESTINE

Boycetas^{BCT}



Benedito Canafistula, Santana do Acaraú.



Vamo chamar o vento, autorretrato.



ALTAR TRAPIÁ

*uma força de dedicação ao amor, ao coletivo e ao tempo.
nesse tempo aqui, o nosso amor existe.*

(...) Assim como o Trapiá, os moradores da Lagoa do Mato geram nesta região, invadida pelas construções federais como a BR 116, bem-viver que em comunidade aduba a existência para além do físico. Como corpo migrante, em momentos de escassez nos territórios distantes de casa, foi o cheiro de baião de dois com galinha caipira que transformou a migração em sabedoria, ao invés de afastamento. Por isso, proponho pensarmos quais movimentações existem antes de nós, e criadas por nós, que possibilitam render sabedorias sobre como cair? Quais abundâncias carregamos que nos adubam em territórios de escassez?

São os festejos de São João Batista, durante 10 dias no mês de junho; as festas de renovação, que nas casas juntam famílias para tirar novenas e se alimentar; os encontros no terreiro à boca da noite só pra conversar; as vezes que nos vestimos de careta para pedir comida; os encontros regados à baião de dois, cerveja e carne de carneiro assada; as rezas para tirar mal olhado feitas por dona Tazinha antes do sol se pôr. São inúmeras as movimentações coletivas vividas na Lagoa percebidas como saberes cotidianos e ancestrais que diariamente proporcionam fortificações, o levantar antes de cair, e dentro dessa pesquisa recebem o nome de Cuidados Coletivos.



(...) Nego Bispo semeia palavras e entre elas está confluência: “Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende”. Sentindo a organicidade que os movimentos acontecem até chegar aqui nesse momento de escrita, catar os processos, a amplitude dos saberes e as formas que esses se cruzam, é pensar nas possibilidades de escritas / registros / memória como o encontro das águas trazidas por Nego Bispo, o dever da palavra não deve anular a potência do cheiro, da memória guardada por uma árvore.

(...) É dentro das existências ao vivenciar mundos onde a saudade é ensinamento de manutenção das lembranças e a confluência é partilhas diárias de ensinamentos que não precisam ser escritos para existirem, que a comida gera momentos de respiro e risadas, quando as águas banhadas por barro vermelho encontram terras banhadas pelo asfalto de grandes cidades e isso gera saberes, que os ventos nos contam segredos que só o tempo do nascimento das borboletas podem revelar e o dengo seja o gás para gente acreditar no tempo que criamos para nossas vidas.

Te dedico, Antônio Teles.

O nosso amor me ensina sobre a potência dos conhecimentos cotidianos que nos tornam únicos, necessários para semear o alimento que se fortalece como cultura, coletividade e partilha. Que esse cruzar de pensamentos e materiais é como o broto de uma diversidade de saberes.

izzi vitório



bixa preta, transmasculino, goiano radicado no Ceará. izzi vitório é produtor, pesquisador e realizador audiovisual. Sócio-fundador da Cavala Filmes, produtora independente focada em projetos atravessados por questões de raça e desobediência de gênero. Trabalha com audiovisual, principalmente com roteiro, direção e produção executiva. Pesquisa a escrita especulativa e autobiográfica. Concluiu em 2021 o curso de Realização Audiovisual pela Escola Pública Vila das Artes em Fortaleza e em 2023 o curso Construção de Roteiro pela Escola Internacional de Cinema e Televisão (EICTV).

@aterrorizzi

Transicionar tem sido um processo de transmutação e movimento. Tenho entendido esse movimento como algo tentacular e ao mesmo tempo aglutinador de espiritualidade, identidade e afetividade, sentidos que pra mim não se engendram a partir da hierarquia humana e sim de um movimento vibratório, intuitivo e sensível. Também acredito que seja uma fuga e sinto que a partir da transmutação consigo escapar da aniquilação e do esquecimento. No meu mundinho trans consigo erupcionar os restos do mundo que a branquitude cisgênera destruiu e espera sempre que a gente recupere.

Ao mesmo tempo acredito que preciso ainda negociar o tempo todo para conseguir adentrar determinados espaços, permanecer, trazer mais gente comigo. Nessa de estar em constante mutação descubro a melhor parte: ser disforme é poder me reformular à medida que o meu desejo grita e também que o escapismo me exige.

*Quero viver e não apenas sobreviver.
Mais que isso, pretendo transcender
porque a vida que nos tem sido oferta-
da no agora ainda é muito pouco perto
de tudo que já fomos e somos.*

Meu processo criativo, de uma maneira geral, diz sobre tudo isso. Permeia as dobras da linguagem audiovisual e se expande em minhas relações. O trabalho, o labor, o ofício está intimamente ligado a tudo isso e também se espirala no texto, no tempo, na imagem. Um exemplo disso é a obra *"Oriki para perder o medo do mar"* que está incluída nesta publicação. Ao lado, antes e dentro dela também de forma não-linear deixo aqui uma carta para Anderson Herzer que com sua sensibilidade e rebeldia me impulsiona e convoca a estar vivo.



CARTA A ANDERSON HERZER

Escrevo para aqueles que virão depois de mim e terão coragem. Comigo escrevem os que vieram antes e me deram tudo que sou hoje.

Peço agô pra lhe escrever sem aviso nenhum, mas as cartas são assim.

Quando encontro você firmo um ponto em minha caminhada. Nosso encontro é na penumbra, dele emerge a cura, nele se origina a fuga. Te carreguei comigo por muito tempo e nem sequer o olhava direito, mas você sempre esteve ali. Passei anos te carregando comigo e vez ou outra me pergunto porque não te abri, por que não me abri. Você sempre esteve ali, enterrado em meio a tantos nãos. Guardado no fundo de outros tantos eus, e eu não nos vi. Apesar de a dúvida ainda orbitar todas as certezas, agradeço a exaustão, a inconsciência, a contradição e de novo a coragem de ter te desenterrado.

Quero te contar da minha queda. Naquela noite suei frio antes de me jogar. Tive medo de perder o ar, mas sei que você estava ali comigo, mesmo medroso, mesmo pequeno, ainda que dolorido.

Respirei fundo e deixei que o ar entrasse. Meu pulmão foi se enchendo de ar, se enchendo, se enchendo, até que ficou tão cheio que eu precisei saltar. Naquele momento senti que se não o fizesse eu poderia explodir sem ao menos ter tentado. Eu fechei meus olhos e me joguei naquele abismo e você me deu as suas mãos e se jogou comigo. Caimos na água e voamos pra dentro. Mergulho profundo.

Durante o mergulho, passei por várias metamorfoses e já naquele tempo eu sabia que estava encontrando um tesouro, por isso te escrevo hoje e sei que daí, ainda que muitos insistam em dizer que você não existe, eu sei que daí você me lê. A verdade, querido, é que antes de eu cair, antes mesmo de chegar ali, muito antes, você estava comigo e eu sabia disso.

Fiquei um tempo ali. Debaixo d'água, braços caídos, barriga cheia. Submerso. Escutei atentamente o que me diziam os que já haviam pulado antes: nós somos incapturáveis, enfeitiçamos o tempo e nos tornamos mistério.

(Feche os olhos, respire também!)

O fato é que depois dessa primeira queda nunca mais fui o mesmo. No centro desse corpo foi se formando uma estrutura tentacular, uma estrutura delgada que primeiro brotou e desceu a perna abaixo, depois outro que subiu e atravessou minha garganta até sair pela boca. Outro e outro e outro. Dele jorrava água. A água sempre salgada, quentinha, retornava a mim e ia me mantendo submerso, ouvindo outros sussurros: confie nele. acredite nele. olha, ele está em todo lugar. ao seu lado, acima, dentro.

Com você fui aprendendo a respirar embaixo d'água, depois boiar...

E quando finalmente emergi, o sol já estava a pino cortando o céu em dois. Continuei boiando e olhei diretamente pra ele com os olhos bem abertos e ele me olhou de volta. Sua claridão parecia queimar tudo que ele alcançasse, quente, mas não queimou nada, pelo contrário.

Hoje sei que você/ele/nós sempre estivemos aqui. Sendo a candeia que vela, alerta e ilumina os caminhos do invisível. Daquele dia em diante, fizemos milagre e nos tornamos o oriki, o segredo, o sussurro. Nesses dias que passei mergulhando contigo lembrei do sonho e foi nele que vivi a primeira metamorfose, primeira de muitas que vieram depois. Foi ali, afundado na imensidão que descobri que tinha guelras, senti os tentáculos, toquei cada filamento do novo corpo que tomava forma e entendi que transmutar é tornar real o que antes parecia sonho. Entendi que o sonho é a chave.

Quando saí da água pisei os pés no chão, eles haviam crescido e eu percebi que meus pulmões também estavam maiores, eu respirava melhor e passei a observar com mais cuidado e afeto o que existia não só fora, mas principalmente dentro de mim.

Foi depois da primeira queda que você apareceu e agradeço ao Senhor Futuro que te guardou para mim. Que guardou nosso encontro. Agradeço a você que se tornou eterno e chegou na hora certa. Não me arrependo de nada que veio antes da gente se encontrar e hoje sei que continuamos, ininterruptamente, nos encontrando. Aqui e agora, sei que você pode ler o que te escrevo, sei que nos encontramos de novo. Incansáveis, trocamos palavras, ora de desespero, ora de mansidão, mas acredito na cumplicidade e no silêncio que existe entre nós.

Rezo pra que outros mergulhos aconteçam, pra que os meninos deixem de morrer sem ser lembrados, que parem de cair sem se levantar, que os velhinhos permaneçam e continuem a nos contar histórias, rezo pra que cada um de nós encontre sua herança, pois sei que ela existe. Que nas frestas possamos escapar e que quando formos novamente lançados ao abismo, tenhamos em quem segurar, pra onde vislumbrar. Que o breu não nos assuste mais e que a gente aprenda a confluir nele.

Rezo pra que o amor que embala os sonhos seja capaz de invadir a mesa da cozinha trazendo frutas viçosas, comidas frescas, companhias reais. Que a gente consiga abraçar o que antes negamos e que nunca haja medo de encarar a brancura. Que a sua queda continue para o infinito e que na escuridão possamos nos encontrar de novo, de novo e de novo.

Por agora tenho transformado meu corpo num oceano imenso, profundo e cheio de vida. Com ele e por ele atravessado fronteiras e limites do desejo destruindo tudo que tenta represá-lo. Um oceano que sai de mim e chega no cerrado, alcançando os jardins de caliandra e também encontra as águas geladas das cachoeiras depois das cheias. Acredite, nós estamos em toda parte e sigo encontrando e amando outros. Esse oceano não é sempre navegável, mas tem sido ancestral vivo de muitos que, acredito, com coragem também estão caindo e se levantando!!

Um beijo em ti, Anderson.

Que em sua queda você também se torne eterno.

oriki para perder o medo do mar

<https://www.youtube.com/watch?v=IYBo-YK51DY>

EU TINHO
AMOR





Viúva Negra (Lohr Carolino) é artista soundmedia, DJ e produtor. Seu trabalho se perpetua na produção de espaços/vivências sonoras negrodescendentes, afroameríndias, amefricanas, afrolatinas e LGBTQIAP+. Atua como cyber ogan na @coletivanegrada, dj da @charmedoisml e @festacrioula e diretor da @eproibidomassequiserpode e seus selos. É também dj do cantor @mateusfazenorock e já tocou em selos como o Matraca Bass em SLZ-MA.

@odjviuvanegra

minha pesquisa se perpetua pelas sonoridades múltiplas. gosto de brincar com os sons. fechar os olhos e imaginar as paisagens sonoras que posso recriar. gosto de pensar no agora como projeção de futuro. observar os sons que acordo e as firulas sonoras da rua. quais as respostas que a rua me dá enquanto memória?

nasci e cresci numa periferia que é atravessada pelos pixels do silêncio e da música, meio que simultaneamente. acordei por 19 anos escutando brega, forró de favela e pagode, constantemente. tudo isso enquanto a favela vivia: mães saindo pra trabalhar, filhos indo para a escola, crianças brincando e a comunidade acontecendo. ecossistema sonoro favelado me deu metodologias para permanecer recriando e pesquisando todo esse ecossistema no mundo todo, principalmente os diaspóricos.

me transmutei junto com a rua. vi ruas sendo destruídas pela especulação imobiliária ao mesmo tempo em que eu me reconstruí. enquanto um era barulho, o meu era silêncio. e aprendi muito com isso. me renasço a todo momento nos meus movimentos de trabalho e isso me faz se sentir vivo.

MAPEAMENTO

SONORO



ANCESTRAL

TRANSMASCULINO

Entendendo as polifonias que atravessam as gerações de um corpo negro transcestral

Como cartografar as sonoridades ancestrais? Todos os sons ao nosso redor, podem ser um acontecimento polifônico capaz de resgatar e forjar memórias ancestrais perdidas. Gostaria de nos encaminhar a pensar na busca por grafias de uma memória que é atualizada por multimídias eletrônicas, que tem como debate a ancestralidade, a identidade e a memória.

Embora a tentativa de silenciamento e de tentarem muitas vezes relativizar o processo de escravidão e de seus frutos, sabemos que os corpos em diáspora de forma alguma se sujeitaram a rendição. Permaneceram no espaço-tempo, levando um pouco de si nas culturas. Temos como exemplo a presença destes nos carnavais, na capoeira, no funk, nas artes da rua. A música é um forte demarcador desse espaço-tempo, que se transforma e se atualiza além-mar e também de forma geracional.

Cartografo aqui, sonoridades sonhos, que atualizam a minha escrevivência: dois áudios sequências sobre memória de um transmasculino negro periférico.

*memória & diáspora
para não esquecer de mim*

<https://shre.ink/gd6V>

lui foito



Lui Foito é transmasculino em mutação e artista multilinguagem. Nascido e crescido entre o rio Coreaú e o mar de Camocim, interior do Ceará. Integrou a Temporada Formativa do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes em 2019. Nas artes visuais, desenvolve trabalhos através da ilustração, pintura, animação e produções audiovisuais. Trabalha com captação e edição de imagens para curtas-metragens, documentários, vídeo-performances e outras produções artísticas. Desenvolve pesquisa como tatuador na GirinoTatu, onde apresenta trabalhos autorais e experimenta seu traço em matérias vivas. Com as ilustrações, experimenta a criação de paisagens, novas dimensionalidades e cybertransmorfologias. Experimenta o corpo-ator em palcos de teatro e sets de cinema.

@luifoito

Velejo em águas onde o cuidar de uma cria me faz voltar a mim, aquela criança que carrega o nome morto. Percebo com mais sensibilidade as nuances de germinar com gentileza. Na real, foi o encontro com minha criança que me fez visualizar a transição de gênero já adulto, algo que sempre esteve tão nítido e ao mesmo tempo tão intocável. Revisitar memórias da minha infância para poder me encontrar, me faz pensar na importância de semear momentos de acolhimento e autoconhecimento nessa fase da vida. Éramos antes mesmo de ser.

Minhas pesquisas artísticas permeiam sobre a compreensão de corporalidades mutáveis, da criação de mundos frutíferos e da biodiversidade abundante para nós. A provocação é plantar memórias onde exista fartura para seres desviantes e transpaternidades afetuosas.

Preciso criar visualidades onde consiga nos ver, atravessando a temporalidade do esquecimento. O traço do lápis de cor vira paisagens que contam histórias para gerações futuras, como uma profecia que ecoa a permanência de seres híbridos, lugares de afeto e abundância em vida.

Essas confabulações atravessam e aterram junto com necessidade de erguer memórias de uma paternidade sensível, presente e desobediente da norma cispatrilharcal.



Transgenias paternais (2023)
Pintura digital.



Ninho (2022)
Lápis de cor sobre papel.

enxergar táticas de não-esquecimento



D'Terra (2022)
lápis de cor sobre papel.

Relembrar nossos nascimentos é poder navegar em sonhos perdidos. Nossas células morrem, milhões nascem segundos depois. Descamamos nossas peles e as guardamos para usar em outro momento mais oportuno, ou simplesmente as transmutamos em algo híbrido, com super poderes para sobreviver em ambiente hostil.

É tempo do caju (2021)
pintura digital.



PARTO, mas volto (2024)
5 min 55 segs.
Fotoframes.
<https://shre.ink/gd6R>

"PARTO, mas volto" (2024) é uma videoarte que surge na ideia de fabular com as sensações do nascimento de uma vida, nas suas mais diversas formas. Água de rio se transforma em líquido amniótico, que traz o primeiro respiro. Dar a luz significa parir nós mesmos, como gestar e transmutar a si.



Buchudin (2020)
pintura digital

lure furna



Lure Furna, pernambucano, preto, transmasculino e favelado. Atua no audiovisual, cinema, artes visuais, sonoras e artes de rua.

Nas artes visuais, impulsionou um Zine no ônibus, "Rumo ao Autocuidado" e produz obras originais com giz pastel oleoso, quadros, Prints, Zines, adesivos, jóias artesanais e tatuagem.

É estudante de Ciências Sociais, e também concluiu a 6ª turma de Realização em Audiovisual na Vila das Artes.

@enfurnadi

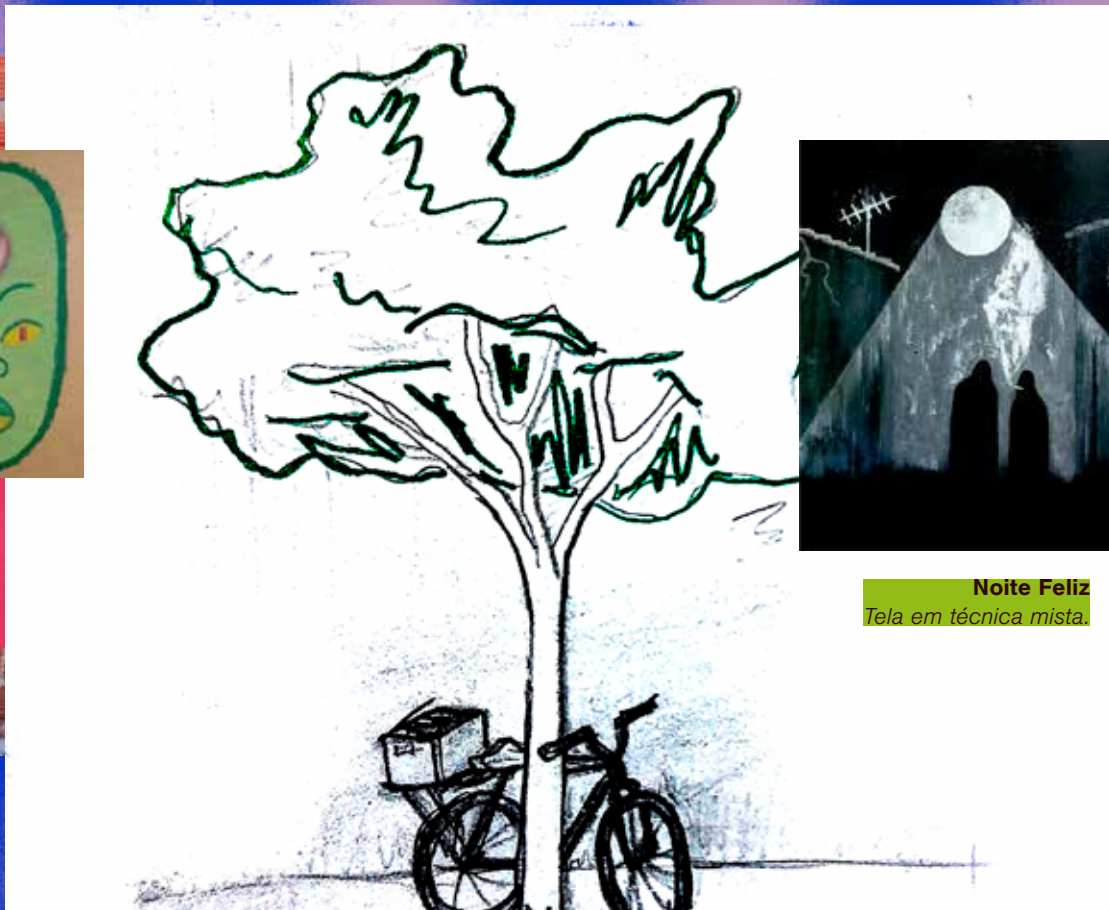
Nos caminhos da vida, a arte veio como metodologia de sobrevivência; além das burocracias e macetes que ficam fora do acesso para muitos de nós que dificulta viver da arte. Quando pequeno, tudo era brincadeira. Da brincadeira veio o sonho de crescer com toda criação que eu pusesse no mundo. Cresci e precisei trilhar caminhos difíceis, mas não tão só, pois sempre estamos acompanhados. Autoconhecimento, autocuidado, autoestima, sementes difíceis de germinar na minha terra, na minha matéria.

A ciência das rodas de conversa, a ciência das ruas e, principalmente, a ciência da ancestralidade me trazem, constantemente, maturidade para enfrentar os percalços da caminhada. Escrevi uma vez a importância da sabedoria de Exu para trilhar bons caminhos até o encontro com Iku (a morte) e assim eu o busco. O entendimento de tudo aquilo que está para além dessa matéria é o que dá sentido à vida. Trago em meus trabalhos traços, essências e cores que valorizam e explanam o imaginário sobre aquilo que percorre nossas identidades enquanto raça, gênero e território, partindo do meu ponto de vista enquanto transmasculino, afroindígena, favelado e pertencente ao povo de Axé.

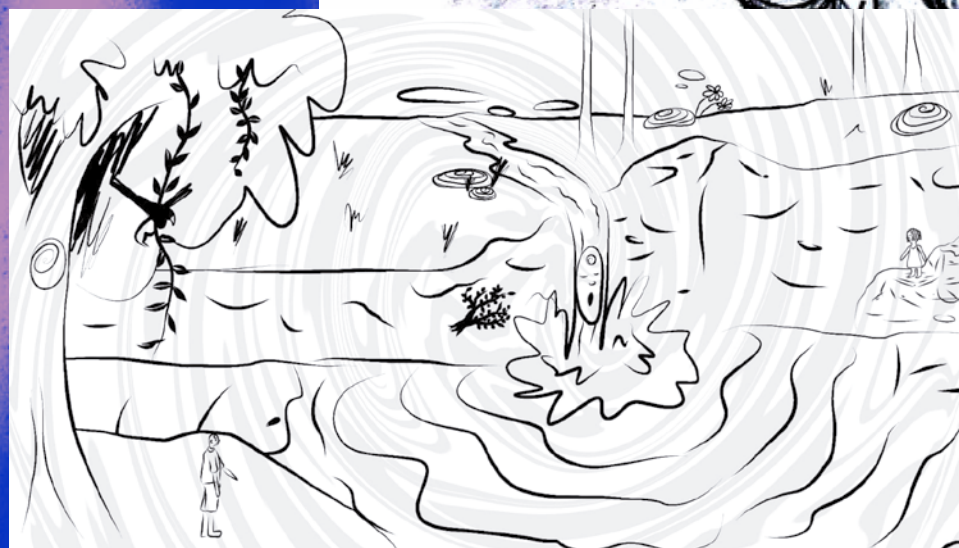
Tenho vivido muitas coisas intensas nesta cidade de Fortaleza. Estou há quase uma década aqui e descobri vários mundos, inclusive uns que eu habito. Fui vulcão e também fui dente de leão. A dubiedade de viver acolhimentos e abandonos de diversas formas a cada instante é um babado intenso de se engolir e lidar. Antes eu era uma pessoa descobrindo a existência que não catava a malícia nas pessoas ou nos acontecimentos, por mais ou menos veladas que as coisas parecessem. Hoje eu consigo ver as coisas com o pé na terra, sentindo a realidade por trás dos escombros forjados. Ciência e Consciência. Mesmo assim, ainda me falta muita. Muito do que sinto de firmeza, no pensar, no agir, no falar acredito que seja pela influência, ou como o Nego Bispo diria, confluência da ancestralidade que venho me conectando de uns tempos pra cá. Tudo parece estar escurecido, muito nítido aos meus olhos. E o que eu não enxergar, peço licença, a ancestralidade mostra.



ANTES DE TUDO, MOJUBÁ (2022-2023)
Tela em técnica mista.



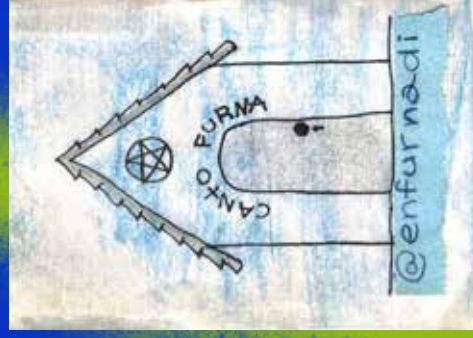
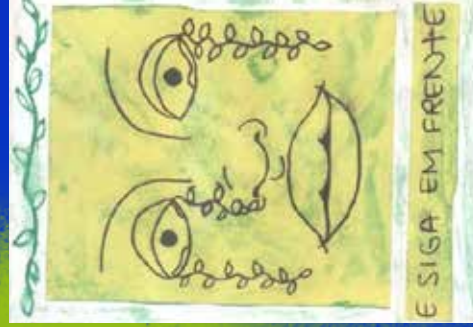
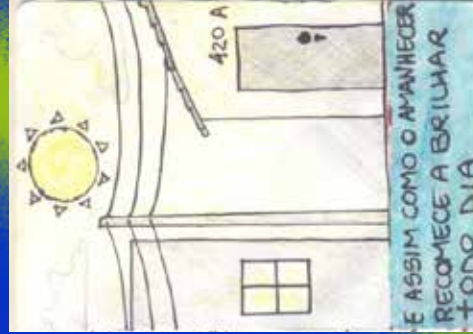
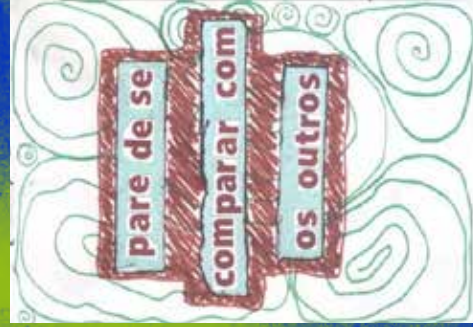
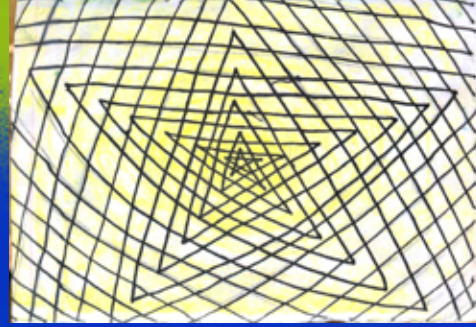
Noite Feliz
Tela em técnica mista.



**Storyboard do Roteiro
do filme "Enfurnadi":**

Lúcio, um jovem transmasculino negro um dia reflete sobre a busca de curar o ego e as memórias do passado, decide viajar para um canto na mata que sua avó conheceu quando era criança, onde ele vivencia uma epifania.





marynho



Um tchola vivo há 25 anos em terras siriarenses, gosta de desenhar e fazer som desde sempre e hoje passa horas ilustrando, tatuando, fazendo filme de animação e coisas de design. Batuca e produz encontros brincantes transvestis com o grupo de cultura popular BatuQ DelUs. É produtor do coletivo TransTcholagi, onde promove ações culturais para a comunidade transmasculina e não-binária de Fortaleza; Fez sua primeira publicação “corpo-bicho-tatuado” em formato de zine, resultado da sua pesquisa de graduação em Design Gráfico e de Produto pela UFC; É formado em Cinema de Animação pela Vila das Artes.

@marynhho

Para criar a partir das memórias dessa corpa, preciso firmar um movimento constante de resgate pelos caminhos da espiritualidade. Confiando nela que foi possível transicionar no emaranhado. Diante de um não-lugar-gênero-racial, é na guiança ancestral que atravesso pelas frestas, rumo a compreensão de como permanecer.

Através dos desenhos, cantos, toques, danças e brincadeiras vou resgatando lugares de onde arrancaram meu povo. Sigo caminho desaprendendo muita coisa e nutrindo sentidos que só as sementes dum maracá vai despertar; só a pisada de coco vai firmar, o cachimbo assentar. Pesquiso vida diante do apagamento das memórias da minha família, frente uma retomada inevitável e muito delicada de se firmar no contexto urbano. Impregna, revira tudo, espirala pra frente e continua pra trás.

Gingar na roda grande pra tá vivo. Soltar a bixa com a capoeira. Escorpião, macaco, caranguejo, onça atenta ao ataque da cobra, peixe que esquiva do rabo-de-arraia. Ao mirar flechas corporais (tatuagens) trazendo a poética do corpo-bicho, acertei na infinitude da retomada e da transição. Outras bixas se aproximaram também com sede, então percebo no coletivo uma metodologia de permanência diante das lógicas da capital, juntas fazendo acontecer o que potencializa nossas narrativas, meio às falhas e acertos, dores e delícias, sigo aprendendo sobre cuidado, limites, persistência... a viagem de seguir... sustentado num abraço ao paradoxo.



Revista Estudos Transviados (2023)

<https://shre.ink/gd6Z>



Sonho de gente-peixe (2023)

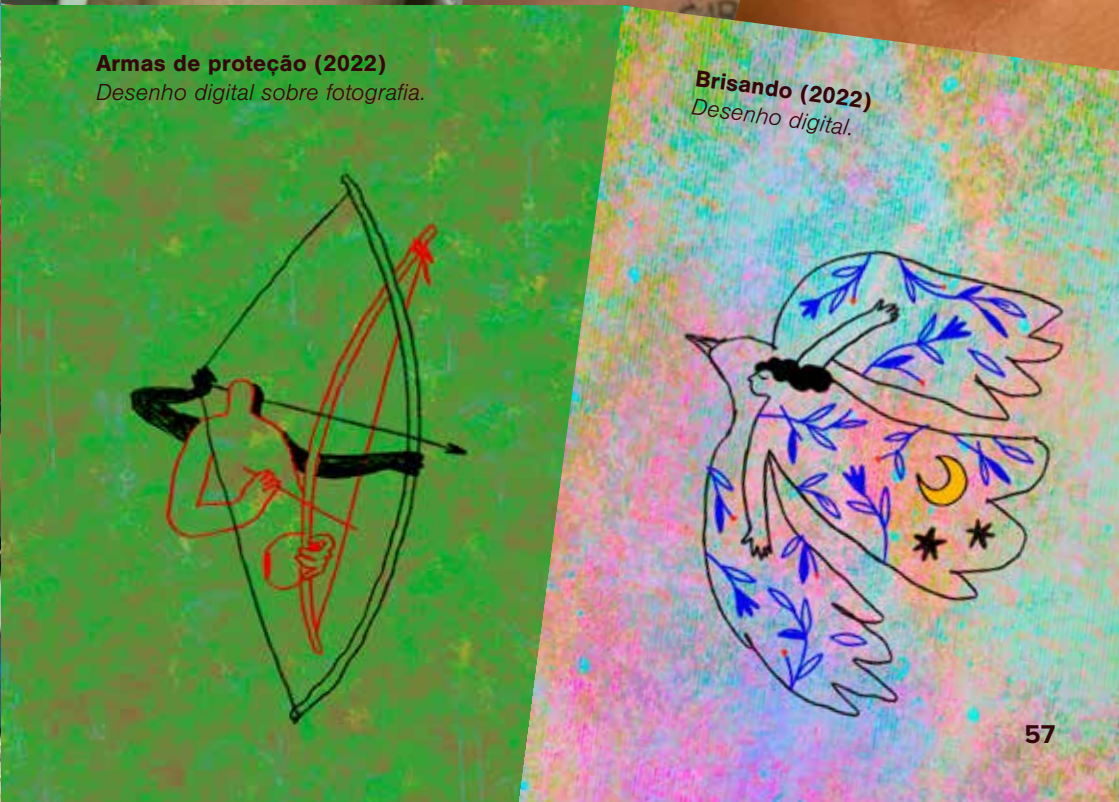
Onça Charia e os 7potis (2023)

Murais pintados em escolas públicas de Fortaleza, pelo projeto Rios Voadores.



Armas de proteção (2022)

Desenho digital sobre fotografia.



Brisando (2022)

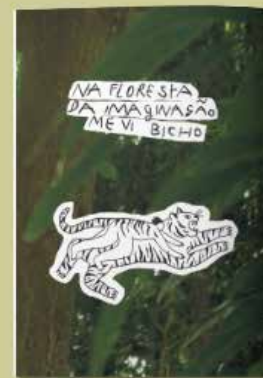
Desenho digital.





Na selva de pedra me vi bicho (2022)
Ilustração digital sobre fotografia.

corpo-bicho-tatuado (2021)
zine tamanho a5.



ALGUMAS IDEIAS SURTEM POR OUTRAS COLOCO TANTA FORÇA NO LHA DE TRÁS E DESPERTA A SO QUERO FINALIZAR OS RABISCO ELEMENTOS IMAGINÁRIOS E ALEATÓRIOS OUTROS SO A DESENHO. FASE DA LUA. SAIO DE UMA DESENHO. PULO PRA PRA FILMAR E ESQUEÇO O ALGUNS DESENHOS SO ENTENDEI QUE EU NÃO GOS PERCEBER QUE EU AMO INCENSO. FICO POR MUITO AS VEZES COLOCO UM PAUSAS PRA ESTICAR O TOS PRA SOLTAR A MINVAR DEPOIS OU NUNCA+





recursos de acessibilidade

Para ter acesso à descrição dos textos e imagens presentes nesta publicação, temos a obra disponível de forma digital, onde Leitores de Tela, como o Speechify (Google), VoiceOver (iOS) e TalkBack (Android), podem descrever informações textuais para pessoas neurodiversas, cegas e com baixa visão.

As imagens e obras selecionadas para compor essa publicação foram audiodescritas pelos Artistas Expositores, que tiveram Oficinas e Consultoria de Acessibilidade com o Coletivo Kintal de Afetos*, onde desenvolveram a escrita dos textos e a narração das audiodescrições.



* Coletivo formado por parentes de sangue e/ou de luta para ações, projetos e formações relacionados à produção cultural periférica e acessível. Existente desde sempre pela ancestralidade sertaneja, mas atuante há décadas, de modo comunitário na periferia de Fortaleza. Atuante como parceria de outros coletivos e organizações desde 2017.

Publicação Virtual

Alian Minerva

<https://shre.ink/gd6h>

Lohr Carolino

<https://shre.ink/gd6q>

Caeu

<https://shre.ink/gd63>

Lui Foito

<https://shre.ink/gd6M>

Ferrerin

<https://shre.ink/gd67>

Lure Furna

<https://shre.ink/gd6b>

Izzi Vitório

<https://shre.ink/gd65>

Maryn Marynho

<https://shre.ink/gd68>

TransTchologi

<https://shre.ink/gd6l>



parcerias

Núcleo de Políticas Afirmativas

Parcerias para transicionar as políticas públicas de Cultura

Quando recebemos a proposta para a parceria com o Coletivo TransTchologi, no mesmo instante soubemos que se tratava de investimento urgente e necessário. Falando como coordenador de políticas afirmativas e um ser em transição, senti a oportunidade de curar a minha criança. Acessei diversas lembranças da minha infância, onde por vezes ouvi comentários constrangedores que chacoteavam o meu corpo e a minha forma de me expressar e existir no mundo.

Essas violências me marcaram tão profundamente, que demorei mais de 20 anos para conseguir acolher quem de fato sou. A revista *“Memória Transmasculina: Rastros de Permanência”* me fez refletir sobre como o sentimento de solidão e estranheza do meu sentir poderia ter sido diferente, caso essa obra tivesse chegado antes em minhas mãos. De fato, são quase inexistentes os investimentos, públicos ou privados, para que nossas memórias transmasculinas sejam documentadas e publicadas.

Podemos vivenciar agora essa leitura que nos coloca como sujeitos vivos e apresenta nossas variadas habilidades; e isso, sem dúvida, é poderoso. Trata-se de uma magia, um encantamento para um mundo possível e construído por nós. O Núcleo de Políticas Afirmativas do Instituto Mirante de Cultura e Arte, parceiro da Secretaria da Cultura do Ceará (Secult CE), tem o compromisso de contribuir com o redirecionamento do olhar da gestão pública de Cultura do Ceará.

Projetos como a revista *“Memória Transmasculina: Rastros de Permanência”* têm a força e os caminhos que (re)direcionam e transicionam as políticas públicas. É política afirmativa! Portanto, reafirmamos a honra de estarmos como parceiros deste projeto, e seguiremos abrindo caminhos para que corpos trans acessem a cultura com dignidade.

Uma ótima leitura a todes!
Com carinho,

Raí Kehinde Dinari

Coordenador de Políticas Afirmativas do Instituto Mirante (NUPA)

agradecimentos

A Feitura de **Memória Transmasculina - Rastros de Permanência** é uma realização do Coletivo TransTchologi em parceria com Girino, Tocaya e Encante Território Criativo. Esperamos que esse trabalho finque, aterre, viaje e atravesse as barreiras do esquecimento programado. Que a matéria do papel dure o suficiente para criar raízes nas memórias das próximas gerações, pois sempre existimos e, agora, mais do que nunca, criamos nossa permanência. Ficamos grates pelas mãos que se somaram a este Projeto, que fizeram tornar possível essas folhas.

Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 195/2022). O projeto foi contemplado no Edital Cultura e Arte LGBTI+.

TRANSTCHOLAGI

A TransTchologi é uma coletividade formada por artistas transmasculines onde buscamos criar espaços de encontros, de acolhimento, de difusão e de celebração das nossas estéticas, corporalidades e expressões em Fortaleza. É através da articulação de agrupamentos que buscamos abrir brechas onde a autoestima e o senso de pertencimento transmasculine e não-binária seja possível. Dessa maneira, somos antes de tudo um movimento político que tem como princípio semear uma comunidade afetiva que nos torne mais fortes.

O grupo foi criado em 2023 e realiza eventos multilinguagens em diversos pontos da cidade. Nosso evento inaugural foi feito de forma independente, onde promovemos uma feira para artistas trans exporem seus trabalhos, bem como realizarem performances e exibições de filmes. Já em nossa segunda ação, *TransTchologi Jardim Selvagem*, tivemos como foco promover o lazer e a autoestima das nossas identidades através de um Bailão comandado por DJs trans e não-binários, além de um desfile com o intuito de valorizar a expressão de identidades transmasculinas.



Para além de ações produzidas pelo coletivo, o grupo foi convidado a fazer algumas participações em projetos como: performance na exposição *"Degenerado Tibira: o Desbatismo"*; mediação da aula de Vogue e Circo, com o *Legendary Puri Yaguarete (RJ)* e uma apresentação no *Festival Dá Teu Nome!*, momento em que realizamos nossa Primeira Residência Artística em dança e performance.

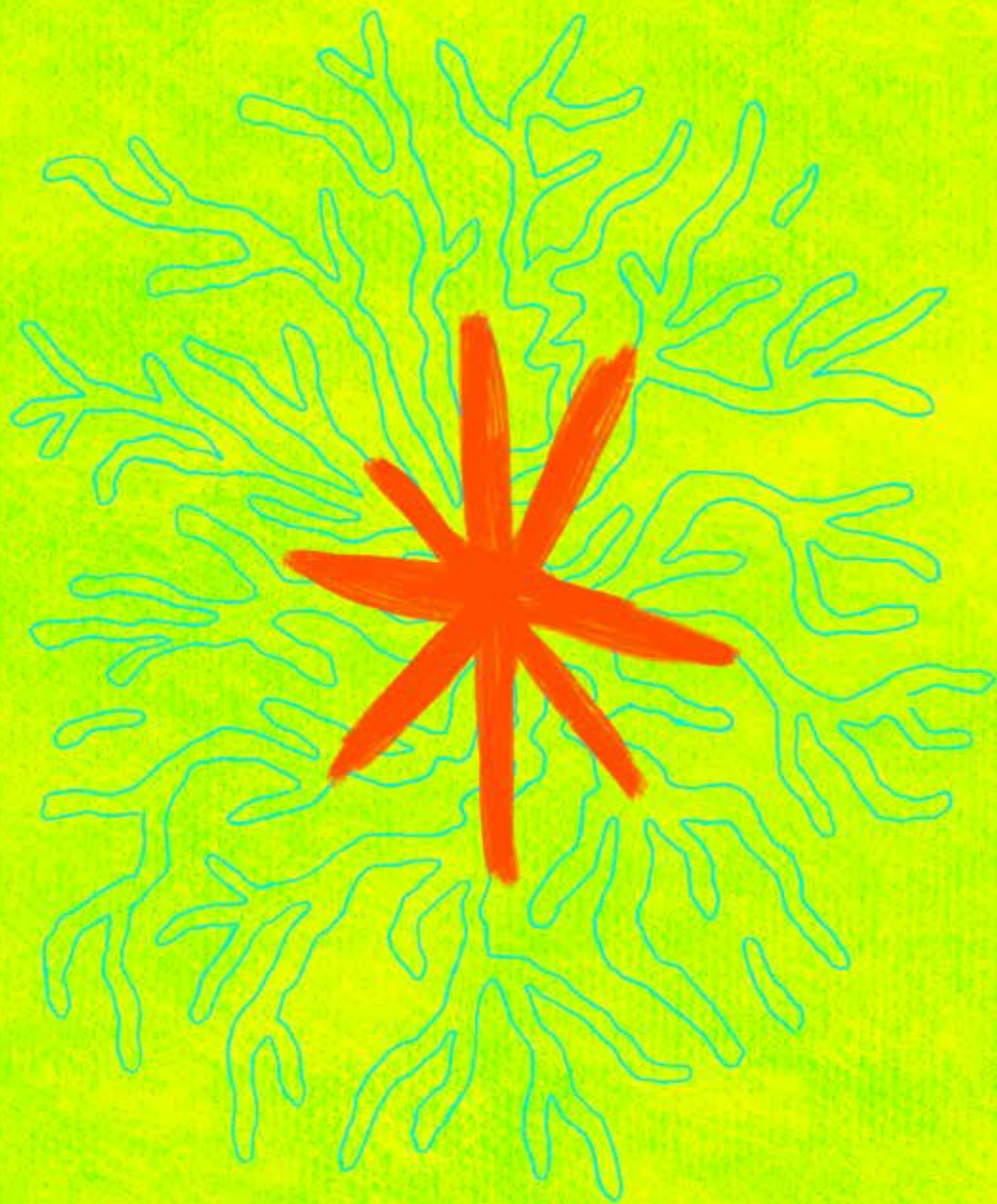
Em 2024, produzimos em conjunto com outros coletivos a *Marcha Trans* em Fortaleza. Neste mesmo ano, realizamos também *01 ano de Tchologi Playa*, evento produzido em comemoração ao tempo de existência da TransTchologi. O evento proporcionou

o bem-estar, partilha de vivências e permanência de corpos trans em ambientes de lazer como a praia. Nele contamos com rodas de conversas, apresentações musicais e partilha de um bolo de aniversário.

A cada ação a TransTchologi se aproxima mais da materialização de um futuro onde nossos corpos não são mais atravessados pela invisibilidade e o esquecimento. Desejamos assim ser protagonistas de nossas existências, criar lugares seguros e prósperos onde consigamos plantar memórias de permanência e abundância.

nico da costa





REALIZAÇÃO:

TRANS
TECHNOLOGI



APOIO:

instituto
mirante

ASSESSORIA
DE POLÍTICAS
AFIRMATIVAS
E ARTICULAÇÃO
COMUNITÁRIA

MULTA



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Cultura



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIR e RECONSTRUIR